

# JONAS: ANÁLISE INTRODUTÓRIA ENTRE ESTÓRIA OU HISTÓRIA

JONAS: INTRODUCTORY ANALYSIS BETWEEN STORY OR HISTORY

JONÁS: ANÁLISIS INTRODUCTORIO ENTRE CUENTO O HISTORIA

## RESUMO

---

Este artigo tem como objetivo introduzir o leitor no debate sobre a historicidade do livro do profeta Jonas, além munir o leitor com os principais argumentos e contra-argumentos de uma leitura não histórica do texto. Para tanto, é visto algumas tentativas de categorizar a obra em um gênero literário, passando então para um conjunto de paradoxos que parecem culminar na improbabilidade histórica do livro. Outros pontos levantados são o aparente caráter hiperbólico das descrições e o poder demasiado na pregação de Jonas. Chegando ao fim da primeira parte deste artigo, são abordados os argumentos a respeito das imprecisões históricas do livro e a crítica ao salmo encontrado no segundo capítulo da obra. Na segunda parte, é proposto algumas respostas para os aparentes problemas levantados, terminando então com uma breve reflexão sobre a implicação de decidir ler o livro como não histórico.

**Palavras-chave:** Nínive. Profetas menores. Pré-exílico. Análise literária. Interpretação bíblica.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia (FABAPAR). Brasil. E-mail para contato: cassio.antunes@hotmail.com

# INTRODUÇÃO

---

O profeta Jonas, provavelmente, está entre os personagens bíblicos mais conhecidos pelos leigos (Sicre, 1996, p. 327). O que, ainda de acordo com Sicre, pouco se sabe fora da academia é sobre o debate em torno da veracidade dos relatos do livro que leva o nome deste profeta.

O presente artigo tem como objetivo compilar e analisar a validade dos principais argumentos a favor da leitura do livro como ficção, a fim de equipar o leitor com as informações prévias necessárias para a correta interpretação do texto. Para alcançar tal objetivo, foi utilizado o método dialético e bibliográfico de pesquisa.

## 1 JONAS COMO ESTÓRIA

---

Como dito anteriormente, fora do ambiente acadêmico, pouco se sabe sobre o debate em torno do gênero literário de Jonas. Antes, a leitura comum parece ser feita com o pressuposto de um material histórico, quer pela forma do texto em prosa, quer pela seção bíblica em que se encontra. Neste caso, parece ser interessante começar por quando surgiu o pensamento sobre o livro de Jonas como um conto.

### 1.1 GÊNERO LITERÁRIO DA OBRA

Para Baker et al (2001, p. 80), a abordagem do texto de Jonas como ficção é moderna, tendo doze gêneros literários como os mais propostos entre os defensores desta visão. Baker et al esclarece que o tamanho da lista, por mais que pareça atestar desacordo entre os estudiosos desta linha interpretativa, demonstra no entanto a união em torno da teoria de um livro não histórico. Isto se dá considerando os gêneros propostos que vão de novela à ficção didática e de parábola profética à midrash.

Por outro lado, Sicre (1996, p. 328), que defende a certeza de um Jonas fictício, alega não ser este um pensamento moderno, visto que já era defendido por Gregório, o Teólogo<sup>2</sup>, no século IV. O padre Vincent Mora defende o caráter fictício da obra com a mesma certeza que Sicre ao dizer que “o livro de Jonas nos conta a **estória** seguida de um certo Jonas às voltas com uma missão divina” (1983, p. 09, grifo nosso).

Padre Mora parece discordar da afirmação aqui feita sobre a leitura usual do livro como histórico, quando diz que “À primeira vista temos uma **estória** engraçada, cheia de humor e bem elaborada. Mas a quê nos conduz? Qual o sentido deste **conto**?” (1983, p. 10, grifo nosso). Com isto, o que se tem é a clara dificuldade de categorizar o livro de Jonas em um gênero literário conhecido.

## 1.2 PRINCIPAIS ARGUMENTOS

A fim de expor o motivo pelo qual o livro de Jonas encanta com facilidade, Mora argumenta que o “conto satírico” reúne em si uma grande quantidade de paradoxos:

Por quê [o livro seduz o leitor]? Sem dúvida porque em nenhuma outra parte na Bíblia se descobrem, reunidos, tais paradoxos. Citemos alguns: eis um profeta desobediente, tacanho e teimoso, perante não-judeus politeístas, simpáticos e religiosos, movendo-se num cosmos inteiramente submisso às ordens de Deus; eis a penitência singular de uma cidade pecadora e um perdão divino que não depende, afinal de contas, desta penitência; eis sobretudo um Deus inabalável em seu desígnio e, no entanto, de uma paciência incrível com seu profeta recalcitrante; um Deus terrível diante do pecado, mas cuja ternura para com suas criaturas é o segredo supremo; um Deus confessado como o Deus de Israel, mas cuja ação e vontade de salvação parecem só visar os pagãos, em suma, um Deus universal que transtorna o universo para salvar pagãos e convencer seu profeta, aqui com o desencadear de um

<sup>2</sup> Também conhecido como Gregório de Nazianzo, Gregório foi um pensador e escritor cristão, além de um Patriarca de Constantinopla do século IV, onde fica atual Istambul, na Turquia.

mar furioso, acolá com a sombra de uma mamoneira e entre os dois com um inocente peixe! (Mora, 1983, p. 61).

Apesar da leitura do Padre Mora ser condizente com sua Soteriologia quando fala sobre penitência, o trecho acima deixa claro os elementos que compõem o conjunto de incômodos paradoxos que são geralmente apresentados por pensadores que alvoram a bandeira da ficção em Jonas. Trocando em miúdos, o que parece incomodar os teóricos desta linha de pensamento é aquilo que Baker et al (2001, p. 82) chama de “Improbabilidade histórica” devido a quantidade de eventos supranaturais.

Outro ponto levantado é o caráter hiperbólico do texto na visão de alguns, haja vista que o adjetivo hebraico *gádól*<sup>3</sup> (grande) é usado catorze vezes no livro. Todavia, os exageros não se limitam apenas as descrições, mas também aos efeitos dos eventos. Mora, ao falar sobre a originalidade do autor de Jonas, diz que as situações são “[...] inverossímeis e por isto mesmo significativas! Os marinheiros na tempestade e os ninivitas precipitam-se unânime e prontamente demais para a conversão” (Mora, 1983, p. 64).

Em suma, o argumento embasado na hipérbole descritiva e situacional seria duplo: primeiro são que as descrições de formas grandiosas seriam para deixar claro que o texto não deve ser lido como histórico; e segundo, é aquilo que Champlin chama de “Poder demasiado na pregação de Jonas” (Champlin, 2000, p. 3549), afinal como pode uma pregação tão singela impactar de tal forma a totalidade da cidade? Na visão dos teóricos da leitura ficcional de Jonas, isto só seria possível em caso de um texto não histórico.

Para Champlin (2000, p. 3548), outro argumento comumente utilizado pelos proponentes da leitura ficcional de Jonas são os tropeços históricos

3 Baker, Alexander e Sturz (2001, p. 82) falam sobre isso em uma nota de rodapé. Em contato com o texto hebraico de Jonas na Stuttgartensia, foi possível encontrar as referências textuais conforme segue: “grande cidade” em Jn 1:2; 3:2; 3:3 e 4:11; “grande vento” em 1:4; “grande tempestade” em 1:4 e 1:12; “grande temor” em 1:10 e 1:16; “grande peixe” em 1:17; “maior deles” em 3:5; “grandes” ou “nobres” em 3:7; “grande descontentamento” em 4:1; “grande alegria” em 4:6.

encontrados no livro. Dentre estes, dois se destacam, sendo a designação do imperador assírio como “Rei de Nínive” (Jn 3:6), quando esta cidade alcançou o status de capital somente no reinado de Sargão II (722—702 a.C) e o erro em descrever Nínive como uma “grande cidade” ou “cidade muito importante”.

Para os teóricos da linha fictícia que lançam mão deste argumento, o ponto é que se o livro de Jonas de fato estivesse sendo escrito no século VIII a.C, tempo em que Jeroboão II era rei de Israel e que um certo Jonas é citado em 2 Reis 14:25, as descrições do livro seriam mais próximas à realidade.

Por fim, a favor da leitura do livro de Jonas como ficção, resta os argumentos acerca do segundo capítulo da obra onde consta o salmo ou oração de Jonas. Conforme Dillard e Longman (2006, p. 378), alguns estudiosos pregam sobre a falta de naturalidade em que o salmo de Jonas aparece no texto. Neste ponto o argumento dos teóricos da leitura ficcional é que, pelo prisma da crítica textual, o texto poético de Jonas 2 não parece fazer parte da composição original da obra. Isto se dá tendo em vista que ao ler Jonas 1:17, sendo este o último versículo antes da poesia de Jonas, e logo na sequência ler Jonas 2:10, na visão destes teóricos, a leitura aparenta fluidez sem deixar a sensação de que algo está faltando.

Isto além de o conteúdo deste salmo, ainda segundo Dillard e Longman, parecer aos olhos dos críticos incoerente junto ao personagem que é apresentado nos demais capítulos da obra. Uma vez que o Jonas que se apresenta no texto poético louva em ação de graças ao mesmo tempo em que demonstra uma submissão a Deus, porém, já no capítulo seguinte, aparece um Jonas relutante e depois chegando ainda a ser antagonico a Deus.

Muitos outros argumentos foram encontrados para esta linha interpretativa, no entanto entende-se que os que foram aqui mencionados são os mais comuns, de maior peso e suficiência para uma breve amostragem.

## 2 JONAS COMO UM RELATO HISTÓRICO

---

Como foi visto acima, muitos são os argumentos contrários à historicidade do livro de Jonas lançados por estudiosos competentes. Contudo, Baker et al rebate dizendo que “Apesar de seu apelo popular, esses argumentos a favor da natureza fictícia do livro de Jonas não são tão irrefutáveis quanto poderiam parecer à primeira vista” (Baker et al, p. 84). Assim, olhar os argumentos contrários faz-se necessário.

Refutar os argumentos dos defensores da ficção em Jonas é a postura mais comum adotada pelos eruditos que defendem a historicidade do texto como bem diz o Dicionário Bíblico Tyndale:

A historicidade do livro tem sido defendida por extraordinários estudiosos das Escrituras. A abordagem básica desses estudiosos tem sido reagir aos argumentos dos que negam sua historicidade e apontar para o que é considerado como evidência positiva da historicidade do livro nas alusões de Jesus à profecia e na antiga tradição judaica. (Dicionário Bíblico Tyndale, 2015, p. 988).

Isto se dá devido à naturalidade com que o texto é lido de forma histórica à luz de sua introdução que diz que “A palavra do Senhor veio a Jonas, filho de Amitai” (Jonas 1:1). Também por este motivo, o presente artigo segue esta estrutura apresentando primeiro os argumentos para estória e contrapondo-os na sequência. Quanto à improbabilidade histórica do livro devido à grande quantidade de acontecimentos extraordinários, Baker; Alexander e Sturz recordam que:

O autor do livro bíblico de Reis incorpora, em seu relato historicamente fundamentado, acontecimentos que não são menos inacreditáveis do que os encontrados em Jonas (e.g., a ascensão de Elias em 2 Rs 2.1-18). (Baker et al, p. 82).

Este mesmo contra-argumento pode ser utilizado no Evangelho segundo Lucas que, em seu prólogo, diz ter usado como base o resultado de uma “acurada investigação” (Lucas 1:3 ARA)<sup>4</sup>, ou seja, é um relato histórico, e ainda assim o livro é repleto de milagres. Neste paralelo, a pergunta que fica ao leitor é: será que o excelentíssimo Teófilo recebeu o texto como fictício? Para Kunz e Martins, o cerne da questão é a dificuldade em aceitar o miraculoso e com isto veem implicações alarmantes:

Embora se levantem críticas e zombarias quanto à historicidade do livro do profeta Jonas - levantes estes que abrangem desde o campo gramatical até os fatos extraordinários- a raiz de toda dificuldade de aceitação histórica é a negação do miraculoso. Mas tal visão é uma afronta à fé bíblica, pois se o intérprete excluir o sobrenatural das páginas da Bíblia esta já não o será mais Palavra de Deus e muito menos o Deus relatado nela será Deus de fato. (Kunz; Martins, 2020, p. 280).

Sobre os argumentos relativos ao texto propositalmente hiperbólico, Baker, Alexander e Sturz (2001, p. 83) esclarecem que o texto não trata isto da forma tão clara quanto os intérpretes ficcionais propõem. Em vez disso, a obra parece expor os fatos de forma fiel e sem exageros, afinal, um peixe capaz de engolir um homem não pode ser adjetivado de outra forma se não “grande”. O mesmo vale para a cidade, que de fato não era uma megalópole, mas isto comparado aos padrões modernos. Champlin (2000, p. 3548) advoga que para os padrões contemporâneos à obra, Nínive era uma cidade gigantesca com seus seiscentos mil habitantes.

Quanto à poderosa pregação de Jonas em cinco palavras no original hebraico e sua capacidade de mudar corações, poder-se-ia apelar para o caráter sobrenatural da pregação. No entanto, neste artigo, será tratado de outra forma. Ao falar sobre este ponto, Price e House (2020, p. 184-185) lembram a necessidade de se entender parte da cosmovisão do Antigo Oriente Médio. Os eventos astrofísicos, geológicos, climáticos e sociais eram recebidos como presságios por todo um povo.

4 A palavra *παρακολουθέω*, traduzida no mencionado texto como “acurada investigação”, tem o significado de “fazer um grande esforço no sentido de descobrir os detalhes e a verdade a respeito de algo”. Para mais informações, verificar Louw e Nida, 2013, p. 297.

Com isso, Price e House (2020, p. 184) apresentam uma série de eventos arqueologicamente comprovados que podem ter criado um ambiente propício para o arrependimento massivo da cidade. São eles: o começo do culto monoteísta de Nabu em 787 a.C.; pragas e fome atingindo a Assíria de 773 até 765 a.C.; revolta na cidade de Assur no mesmo ano em que é registrado um eclipse solar em 763 a.C.<sup>5</sup>; outra revolta em Assur no ano de 762 a.C.; revoltas na cidade de Arrafá nos anos de 761 e 760 a.C.; outra praga registrada em 759 a.C.; e por fim uma estranha paz na terra é registrada em 758 a.C. Assim, Prince e House terminam dizendo que:

Certamente esses eventos e talvez presságios adicionais cultivaram um ambiente particular em Nínive que poderia ter resultado no arrependimento em massa registrado em Jonas 3:5-8. À luz desses eventos históricos, que ocorreram no final do século VIII a.C., uma mensagem da ira divina apresentada por um profeta como Jonas nesse contexto teologicamente sobrecarregado e politeísta pode ter confirmado o que os presságios dos assírios já apontavam. (Price; House, 2020, p. 185)

Por outro lado, Champlin, embora também defenda o texto como narrativa histórica, discorda do argumento dos presságios escolhendo outra via para sua defesa da historicidade da obra. No dicionário teológico que leva seu nome, Champlin (2018, p. 885) defende que Jonas pode sim ter sido um orador potente e arrebatador de multidões com discursos simples, assim como fez Hitler na Alemanha Nazista. Isto posto, alguém poderia dizer que Champlin parece confirmar de forma inusitada a satírica Lei de Godwin<sup>6</sup>, o que não parece invalidar o argumento de forma alguma.

Sobre os tropeços históricos de chamar o imperador assírio de “rei de Nínive” (Jn 3:6), Champlin (2000, p. 3548) questiona o que de fato impede

5 O *Enuma Anu Enlil* (conjunto de tabuletas que tratam da astrologia babilônica) falam sobre esses eclipses trazendo a anunciação de fome, guerra, morte do rei e etc. (PRICE; HOUSE p.184). O que faz dessa data bastante significativa, visto que Jeroboão II (782-753 a.C.), que é contemporâneo de Jonas, reinava em Israel.

6 A Lei de Godwin diz que “à medida que uma discussão online se alonga, a probabilidade de surgir uma comparação envolvendo Adolf Hitler ou os nazistas tende a 100%” (O POVO, 2018, não paginado).

que ele seja chamado desta forma. O Dicionário bíblico Tyndale (2015, p. 988) exemplifica o pensamento de Champlin quando demonstra que Acabe, rei de Israel, foi chamado de rei de Samaria em 1 Rs 21:1 e Ben-Hadade, rei da Síria, foi chamado de rei de Damasco em 2 Cr 24:23.

No tocante à incoerência entre o “Jonas quebrantado” no salmo do capítulo 2 e o “Jonas irado” dos capítulos adjacentes, Dillard e Longman são quem elucidam a questão quando dizem que “[...] Jonas não é um personagem plano, mas complexo. Ou seja. Nos seus altos e baixos espirituais ele age como uma pessoa real” (2006, p. 378).

Por fim, de acordo com Champlin (2018, p. 1734), Tipologia é quando algo real e histórico que aparece nos textos veterotestamentário (exemplos: eventos, objetos, pessoas e etc.), passam a ilustrar Jesus Cristo ou algum outro aspecto da realidade cristã. Deste modo, o que se tem é uma relação entre a historicidade do que foi previsto no Antigo Testamento e o que é visto no Novo Testamento. Nesta perspectiva, Kunz e Martins asseveram:

Aceitar o relato de Jonas como fictício consiste em fazer o mesmo em relação a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, negando-os como acontecimentos históricos; pois a permanência de Jonas no ventre do grande peixe é tida como um **tipo** do sepultamento de Jesus Cristo. (Kunz; Martins, 2020, p. 281, grifo dos autores)

Com este pensamento Kunz e Martins levam o debate para um outro campo. Um campo que se retroalimenta, visto que é o efeito, ao mesmo tempo em que é a causa de uma correta interpretação bíblica: A ortodoxia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo foram dispostos os principais argumentos para a leitura fictícia do livro de Jonas, bem como os principais contrapontos. Agora, resta ao leitor decidir sobre a suficiência ou insuficiência de ambos os pontos de cada uma das visões.

Provou-se que para cada argumento dos teóricos da leitura com viés fictício, há bons contra-argumentos capazes de balançar as certezas de um Jonas não histórico. Seja como for, a análise fria dos argumentos a favor da leitura ficcional demonstra que houve preocupação em perguntar a forma correta de se interpretar tal texto. Porém, ao considerar o conteúdo das críticas que, de uma forma ou outra, estão ligadas aos acontecimentos miraculosos do texto, é difícil não sentir um tom de incredulidade.

Por não ser o objetivo do presente artigo, não foi possível apresentar uma pesquisa abrangente sobre tipologia bíblica e seu caráter histórico. Ou seja, de algo real com sua localização no tempo e no espaço, mas que aponta para algo maior e futuro. Todavia, a breve definição aqui exposta deve ser suficiente para demonstrar que a leitura de Jonas como um texto fictício pode trazer grandes danos às principais colunas da fé cristã.

Finalmente, devido ao caráter introdutório ao assunto, resta ainda à disposição muitos argumentos de ambos os lados para serem pesquisados, e apresentados ao leitor para uma correta aproximação deste livro que Deus tem usado para transformar bem mais do que cidades inteiras.

## REFERÊNCIAS

---

BAKER, David W; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Novo dicionário bíblico Champlin: ampliado e atualizado**. São Paulo: Hagnos, 2018.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: Versículo por versículo**. v. 5. São Paulo: Editora Candeia, 2000.

COMFORT, Philip W.; ELWELL, Walter A. **Dicionário bíblico Tyndale**. São Paulo: Geográfica, 2015.

DILLARD, Raymond; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

KUNZ, Zanoni Marivete; MARTINS, Francis Natan Gonçalves. Breve defesa da historicidade do livro do profeta Jonas. **Via Teológica**. Curitiba, v. 21, n. 42. p. 259-283. dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/188/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

Lei de Godwin. In: **O POVO**. Jornal O Povo, 2018. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/politica/2018/10/voce-sabe-o-que-e-lei-de-godwin.html>. Acesso em: 27 mar. 2023.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MORA, Vincent. **Jonas**. São Paulo: Paulinas, 1983.

PRICE, Randall; HOUSE, H. Wayne. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: O profeta; os profetas; a mensagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.